



AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL. UM MAPEAMENTO DAS PESQUISAS ACADÊMICAS

THE DIGITAL TECHNOLOGIES IN THE TEACHING OF HISTORY IN BRAZIL. A MAPPING OF ACADEMIC RESEARCH

LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA EN BRASIL. UN MAPA DE LAS INVESTIGACIONES ACADÉMICAS

Paulo Augusto Tamanini¹
Maria do Socorro Souza²

RESUMO: As tecnologias digitais, especialmente a internet, vêm invadindo, de forma desenfreada, todos os segmentos da sociedade, disseminando informações, modificando a natureza do conhecimento, fundamento da ação educativa, bem como as formas de percepção e de expressão do mundo. Neste contexto, cabe ao professor de História inserir as tecnologias no seu fazer docente, abandonando um ensino transmissivista e unidirecional, focado em narrativas de fatos e datas, por um ensino multidirecional e interacional, trabalhando os conteúdos históricos em harmonia com a sociedade do conhecimento e da conectividade, contribuindo, assim, para uma formação discente crítica, reflexiva e inventiva. Este estudo objetiva, realizar um mapeamento dos estudos acadêmicas que abordam o uso das tecnologias digitais no ensino de História no Brasil, buscando descobrir o que está sendo produzido nos últimos anos sobre o tema, de modo a identificar tanto as tendências investigativas a ele concernentes como as principais contribuições e lacunas nessa área. Para isso, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, para além de fonte da coleta de dados permitirá verificar como o tema é descrito analiticamente, quais os referenciais teóricos mais utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias Digitais; Ensino de História; Estado do Conhecimento; Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Submetido em: 20/08/2018 – **Aceito em:** 20/10/2018 – **Publicado em:** 26/01/2019

¹ Pós-Doutor em História (CAPES/UFPR). Doutor em História (CAPES/UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UFERSA/UERN/IIFRN). Coordenador do Grupo de Pesquisa Imagem e Ensino (CNPq/UFERSA). Professor Orientador do Programa de Pós-Graduação em Ensino.

² Licenciada em Letras, habilitação Língua Portuguesa e Inglesa, e em Direito. Experiência profissional como docente de Língua Portuguesa e Inglesa no ensino fundamental e médio da rede pública estadual e municipal de Mossoró-RN. Coordenadora do Programa de formação continuada de professores, para a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação na sala de aula.



ABSTRACT: The digital technologies, specially the Internet, are rampantly invading all segments of society, disseminating information, modifying the nature of knowledge, the basis of educational action, as well as the ways of perceiving and express the world. At this context, it is up to the teacher of History to insert the technologies in his teaching, abandoning a transmissivist and unidirectional teaching, focused on narratives of facts and dates, for a multidirectional and interactional teaching, working the historical contents in harmony with the society of knowledge and connectivity, thus contributing to a critical, reflexive and inventive student formation. This study aims to map the academic studies that approach the use of digital technologies in the teaching of History in Brazil, trying to find out what is being produced in recent years about the subject, in order to identify both the research trends related to them and the main contributions and gaps in this area. To do so, the Catalog of Theses and Dissertations of CAPES, beyond being source of data collection, will make it possible to check how the theme is described analytically, as well as which theoretical references are more used.

KEYWORDS: Digital technologies; Teaching of History; State of knowledge; Catalog of Theses and Dissertations of CAPES.

RESUMEN: Las tecnologías digitales, especialmente la Internet, vienen invadiendo, de modo desenfrenado, a todos los segmentos de la sociedad, disseminando informaciones, modificando la naturaleza del conocimiento, fundamento de la acción educativa, así como las formas de percepción y de expresión del mundo. En este contexto, incumbe al profesor de Historia insertar las tecnologías en su hacer docente, abandonando una enseñanza transmisivista y unidireccional, centrada en las narrativas de hechos y fechas, por una educación enseñanza multidireccional e interactiva, trabajando los contenidos históricos en armonía con la sociedad del conocimiento y de la conectividad, contribuyendo así a uma formación de un estudiante crítico, reflexivo y inventivo. Este estudio tiene como objetivo llevar a cabo un mapeamiento de los estudios académicos que abordan el uso de las tecnologías digitales en la enseñanza de Historia en Brasil, buscando descubrir lo que se está produciendo en los últimos años sobre el tema, a fin de determinar las tendencias investigativas a él concernientes como las principales contribuciones y lagunas en esta área. Para ello, el Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES, además de fuente de la recolección de datos, permitirá verificar cómo el tema es descrito analíticamente, así como cuáles los referenciales teóricos más utilizados.

PALABRAS CLAVE: Tecnologías digitales; Enseñanza de Historia; Estado de lo conocimiento; Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES.

INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais e a internet abriram possibilidades de comunicação e interação sem precedentes na história da humanidade. Redes sociais virtuais, hipertexto, ubiquidade, conectividade, produção e compartilhamento de conteúdo em rede, enfim, são tantas inovações que o indivíduo do



mundo contemporâneo já não consegue mais acompanhar. Em tempos de contínuas transformações, em que a aprendizagem ocorre em todo lugar e a toda hora, paradigmas são rompidos, a linearidade textual é transformada em rotas múltiplas de navegação e a interatividade assume proporções nunca antes imaginadas, inovar é, mais do que uma exigência, uma questão de sobrevivência.

A escola, segmento desse universo social, convive com esta realidade. Dela também se demanda inovação, afinal, enquanto produtora de conhecimento, deve estar à frente de toda mudança que o envolva. No ensino de História, a inovação faz-se ainda mais urgente, por ser esta uma disciplina crucial na construção de uma sociedade democrática e cidadã, que conecta o passado e o presente, direcionando o olhar para um futuro a ser construído. Desse modo, é mister um novo modelo de escola e de ensino, que se harmonize com as transformações causadas pelas tecnologias e as inúmeras possibilidades pedagógicas que elas oferecem.

Em razão disso, averiguar o estado do conhecimento do uso das tecnologias digitais no ensino de História não é algo improfícuo, especialmente quando se entende que além de as tecnologias digitais poderem contribuir significativamente para dinamizar o ensino dessa disciplina, o resultado desse levantamento pode possibilitar uma visão do que já foi estudado e dos silenciamentos nesse campo, o que levará a possíveis percursos de pesquisa.

A pesquisa tem como fim sistematizar, analisar e descrever as produções acerca do uso das tecnologias digitais no Ensino de História nos Programas de Pós-Graduação de instituições brasileiras, particularmente aquelas já disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Espera-se, dessa forma, identificar tanto as tendências investigativas como as contribuições e as lacunas na área. Com base no exposto, a questão que irá nortear essa pesquisa é: o que tem sido produzido, em nível de pós-graduação *stricto sensu*, sobre as tecnologias digitais no ensino de História?

Quanto à metodologia, será usada uma abordagem quanti-qualitativa, que permite abarcar, de modo mais completo, a realidade pesquisada (MINAYO; SANCHES, 1993). O estudo está dividido em duas partes: a primeira apresenta a contextualização do tema e a segunda, a descrição analítica dos dados encontrados.



AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Desde a década de 1990, com a popularização da internet no Brasil, as Tecnologias Digitais passaram a se expandir, modificando, de modo vertiginoso, a vida das pessoas, seu modo de se expressar, interagir, se comunicar e se informar. Vivencia-se, nesse novo milênio, uma revolução digital, decorrente da evolução dessas tecnologias, especialmente da internet, a *web* dos cliques. Castells (2002) assevera que se vive, hoje, na chamada “sociedade em rede”, caracterizada pela incerteza, indeterminabilidade e imprevisibilidade. Uma sociedade mediada pelas tecnologias, marcada pelo surgimento de novos paradigmas que afetam as relações humanas e que, para serem compreendidos, necessitam de uma abordagem epistemológica que abranja todas as especificidades dessa realidade complexa e multidimensional (MORIN, 2005).

Nesse cenário, Lévy (1999) trata do ciberespaço, caracterizado pela presença das redes e *links*, espaço em que o local e o universal se imbricam e que inspira conceitos como conectividade, mobilidade, ubiquidade e onipresença, transmitindo a ideia de que se pode estar, simultaneamente, em diferentes tempos e lugares. Também nesse contexto, são criadas e se popularizam as redes sociais virtuais (*WhatsApp, YouTube, Instagram, Facebook* etc.), a linguagem e a interação entre os indivíduos é inovada, novos gêneros textuais são criados, alterando-se, ainda, a relação indivíduo-conhecimento. Nessa seara, Santaella (2013, p. 4) chama de aprendizagem ubíqua aquela mediada por dispositivos móveis e os recursos do ciberespaço: “por permitir um tipo de aprendizado aberto, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua”.

Arruda (2013) assevera que a disseminação da internet ampliou o acesso à produção da cultura, mas que é necessário analisar os contextos onde essas informações e conhecimentos são produzidos. Ao tratar da cultura e ensino de História nas redes sociais e no ciberespaço, salienta o caráter potencializador do ciberespaço nas trocas culturais:

[...] é novidade na história da humanidade a possibilidade de trocas culturais de forma quase instantânea. Conversar simultaneamente com um japonês, indiano e americano,



conhecer produtos, temperos, vestimentas e manifestações culturais de outros grupos sociais é quase imediato para quem está conectado à internet [...].

Para Arruda (2013), apesar de a rede potencializar aspectos negativos das relações culturais e sociais (preconceito, discriminação, pedofilia etc.), o ciberespaço não pode ser responsabilizado pela criação desses aspectos, já que sempre fizeram parte da história da humanidade. Cabe ao Estado, portanto, por meio da educação, intermediar a formação cidadã para o uso responsável e ético do ciberespaço (*Ibidem*). Isso porque a escola, apesar de não ser mais o espaço principal da formação das novas gerações, já que a informação está amplamente distribuída no ciberespaço, continua a ser o locus principal da formação crítica do aluno, ao potencializar estratégias de autoria e autonomia na rede que o levam a analisar suas escolhas. Não se pode esquecer, contudo, que, a despeito de suas vantagens quanto às possibilidades de construção colaborativa e cidadã do conhecimento, o ciberespaço é um “espaço construído pelo homem e, como tal, permeado de seus paradoxos, contradições e relações de poder” (ARRUDA, 2013, p. 38). Daí a relevância do uso crítico e reflexivo dos recursos disponíveis nesse espaço.

Indiscutivelmente, as tecnologias, notadamente a *internet*, são o fio condutor para o moderno, conectando o local e o global, disseminando novos saberes e desenvolvendo competências e habilidades necessárias para a vivência no mundo hodierno. Suas potencialidades no âmbito educacional vêm sendo bastante discutidas, tendo em vista suas inúmeras possibilidades de comunicação, informação e interação, bem como as mudanças nas concepções de ensino, aprendizagem, sala de aula e avaliação, o que demanda, da escola, sua reconfiguração. Nesse sentido, inserir as tecnologias no fazer docente é exigência primeira, tanto para a inclusão digital e social, como para o pleno exercício da cidadania dos alunos, oportunizando-lhes o acesso ao universo de informações que a rede oferece e ajudando-os a transformá-las em conhecimento. Com as tecnologias, a sala de aula pode se tornar um espaço para alunos e professores aprenderem juntos, pesquisando, experimentando, produzindo, apresentando, debatendo, sintetizando e problematizando (MORAN, 2017).

No entanto, as mudanças representadas pelas tecnologias e o ciberespaço demandam a urgente reconfiguração não só da escola, mas do fazer docente, bem como a assunção de novas metodologias e posturas face ao ensino. Bittencourt (2011, p. 107) ressalta que “[...] os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com



as novas gerações, pertencentes à cultura das mídias”. Nessa mesma linha, Moran (2015) afirma que os métodos tradicionais e transmissivistas só faziam sentido quando não havia, como hoje, um acesso fácil à informação, mas que, com a internet, a aprendizagem dá-se em qualquer lugar, a qualquer hora e com pessoas diversas.

Não obstante a revolução digital e seus efeitos na sociedade e na escola, o ensino de História ainda é trabalhado predominantemente por meio de narrativas de eventos, fatos e datas, em geral, daqueles escolhidos como heróis da história, sem oportunizar ao aluno questionar, criticar e debater esses acontecimentos. Essa postura acaba convertendo a disciplina em algo desinteressante, anacrônico e desmotivador (FERREIRA, 1999). Dar uma boa aula, ensinar a alunos que já nascem imersos nas tecnologias, os “nativos digitais” (PRENSKY, 2001), rompendo assim com a tradição de um ensino que estacionou no tempo, constitui, de acordo com Ferreira (1999), um grande desafio para os educadores de História.

Trabalhar os conteúdos históricos em harmonia com a sociedade da informação e com o perfil de aluno de hoje demanda do professor desenvolver, por meio da *internet* e dos diversos recursos tecnológicos disponíveis na sociedade e na escola, estratégias mais ativas, que favoreçam, em linguagens e recursos familiares ao aluno (*webquest*, *podcast*, jornais *on-line*, museus virtuais, mapas interativos, jogos educativos, simulações, animações, *blogs*, fóruns etc.), a desconstrução e reconstrução crítica dos conhecimentos e acontecimentos históricos, disseminados nos livros oficiais, cotejando-os com pontos de vista diferenciados. Nessa perspectiva, “ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHMIDT, 2017, p. 57).

A inserção dos recursos digitais virtuais - redes sociais, jornais e revistas, jogos, objetos de aprendizagem, museus, *blogs*, imagens, hipertextos, fóruns de discussão, *chats*, vídeos, áudios etc. – no ensino de História conduz à superação de aulas centradas na exposição oral, favorecendo, ao mesmo tempo, uma maior autonomia dos alunos sobre o que e o como aprendem. Quanto à pedagogia adequada para esse processo de incorporação dos recursos digitais virtuais no ensino no século XXI, ainda não se definiu exatamente qual seja, mas já há algumas alternativas metodológicas nesse sentido. Moran (2013) sugere, dentre outras possibilidades, que os recursos digitais sejam usados como apoio à pesquisa, meio de comunicação entre professor-aluno e aluno-alunos, para



integrar grupos dentro e fora da turma, para publicar página na *web*, *blogs*, vídeos e para interagir nas redes sociais.

Para o educador Marc Prensky (2012), as formas pedagógicas ainda estão sendo desveladas, destacando-se, atualmente, os métodos ativos (ensino híbrido, sala de aula invertida, aprendizagem baseada em projetos ou problemas, estudos de caso etc.), em que a autonomia, a colaboração e a participação do aluno são enfatizadas, tornando-se este protagonista de sua aprendizagem.

Conforme se percebe, a inserção das tecnologias digitais no ensino de História não pode ser feita por meio de metodologias anacrônicas, em descompasso com os desafios da contemporaneidade. Já não se admite mais um ensino tradicional, monológico, unidirecional, transmissivista, fragmentado e rígido. Urge um ensino fundamentado na autonomia, na inventividade, na criticidade, na problematização, na autoria e na complexidade, pois, nesse contexto globalizado e midiático, a linha que separa, fragmenta os saberes em disciplinas esvai-se cada vez mais, tornando-se fluida. Somente com a mudança na concepção do que seja ensinar e aprender na sociedade atual, as tecnologias poderão efetivamente contribuir para a aprendizagem significativa do aluno contemporâneo e para o desenvolvimento de sua cidadania.

ANÁLISE DESCRITIVA DAS OBRAS ENCONTRADAS NO PORTAL DA CAPES SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

O objetivo desta pesquisa era em apenas realizar o levantamento dos estudos acerca das Tecnologias digitais no ensino de História tendo como *corpus* de análise as dissertações de mestrado e teses de doutorado disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES³. No entanto, o expressivo número de 3 209 pesquisas encontradas percebeu-se a necessidade de problematizar os resultados.

³ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é uma fundação do Ministério da Educação (MEC) que desempenha um relevante papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todo o país. Uma de suas atividades mais relevantes é possibilitar o acesso e a divulgação da produção científica. Por meio do seu endereço eletrônico -<<http://www.capes.gov.br>> - é possível o acesso ao Catálogo de Teses e Dissertações -<<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>>.



Para Romanowski e Ens (2006), a pesquisa tipificada como estado do conhecimento deve ser compreendida como estudo descritivo e, ao mesmo tempo, analítico. Para elas, no desenvolvimento de tal pesquisa, é preciso adotar alguns procedimentos: (a) definir descritores, para nortear as buscas; (b) localizar bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas etc.; (c) estabelecer critérios de seleção do material que constitui o *corpus* do estudo; (d) fazer o levantamento de teses e dissertações catalogadas; (e) ler as publicações, elaborando síntese preliminar, que contenha tema, objetivos, problemáticas, metodologias, conclusões e relação pesquisador e área; (f) organizar o relatório do estudo, sistematizando as sínteses, identificando, dentre outros, as tendências investigativas; e, por fim, (g) analisar e elaborar as conclusões preliminares. Tentando seguir os passos propostos pelas autoras, adotamos, no presente estado do conhecimento, os procedimentos que seguem.

Quanto à metodologia utilizada para selecionar, dentre os 110 estudos, os que tinham pertinência com os descritores pesquisados, lançamos mão, inicialmente, da leitura dos títulos, pois eles, “normalmente anunciam a informação principal do trabalho ou indicam elementos que caracterizam o seu conteúdo” (FERREIRA, 2002, p. 261). Percebemos, contudo, que alguns dos títulos não continham as informações que buscávamos, o que nos direcionou para a leitura dos resumos e palavras-chave. A partir dessa leitura, foram descartadas as pesquisas que não abordavam os descritores “Tecnologias Digitais” e “Ensino de História” ou algum termo que com eles mostrasse pertinência, sendo enquadradas em um grupo à parte, denominado *Descartadas*. Quando, por falta de clareza do resumo, havia alguma dúvida com relação ao tema, objetivos, metodologia e base teórica da pesquisa, fazíamos o *download* do texto completo e líamos a introdução e, algumas vezes, até a conclusão da obra analisada.

No total, das 110 obras encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, foram descartadas 89, por não apresentarem conexão com os dois descritores utilizados, restando, ao final desse processo de filtragem e seleção, 21 dissertações. Quando algum trabalho não estava disponível para *download*, fazíamos a pesquisa da obra na ferramenta de busca do *Google*. Nesses casos, encontramos as referidas obras nos repositórios das universidades onde foram defendidas.

Para descrever e analisar as 21 obras encontradas no Portal da CAPES, organizamos os dados a partir das seguintes categorias: título, autor, orientador, ano da defesa, instituição e região, tipo de



mestrado (acadêmico ou profissional), objetivos, metodologia. No quadro abaixo, podemos visualizar a descrição de algumas dessas categorias:

QUADRO – DESCRIÇÃO DAS OBRAS COLETADAS

Título	Autor	Orientador	Ano	Instituição
Jogar com a História: Concepções de tempo e História em dois jogos digitais baseados na temática da Revolução Francesa.	Artur Duarte Peixoto	Temístocles Cezar	2016	UFRGS
O ensino de História na palma da mão: o Whatsapp como extensão da sala de aula	Cristiano Gomes Lopes	Braz Batista Vas	2016	UFT/TO
Provocações crônicas: a construção de um site educativo para repensar a escola, a disciplina de História e as Áfricas	Bruno Ziliotto	Luciana Rossato	2016	UDESC
Relações étnico-raciais na voz do professor: os debates curriculares no contexto quilombola	Ana Carolina Mota da Costa Batista	Everardo Paiva de Andrade	2016	UFF/RJ
Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil através de fotografias (séculos XX e XXI)	Breno Bersot da Silva	Angela de Castro Gomes	2016	UFF/RJ
E a música nessa História? A música no ensino de História da África e da cultura afro-brasileira	Carlos Eduardo Valdez da Silva	Helenice Aparecida Bastos Rocha	2016	UERJ
Interação verbal com fontes: letramento(s) no ensino de História	Cláudia Fernandes de Azevedo	Helenice Aparecida Bastos Rocha	2016	UERJ
Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de História	Daniel Carvalho Pereira	Sônia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley	2016	UERJ
Rádio #tmj: História e ensino de História No Cem Morar Bem – São José, SC (2015 – 2016)	Dismael Sagás	Márcia Ramos de Oliveira	2016	UDESC
Gamificação, aprendizagem e ensino de História: construção de estratégias didáticas com ferramentas online	Elton Frias Zanoni	Reinaldo Lindolfo Lohn	2016	UDESC



Tecnologia, inovação e ensino de História: o ensino híbrido e suas possibilidades	Eric Freitas Rodrigues	Samantha Viz Quadrat	2016	UFF/RJ
Jogando com a crítica histórica: as novas tecnologias e o desenvolvimento de “Os revoltosos”	Lucas Roberto Soares Lopes	Silvia Liebel	2016	UDESC
Usos e possibilidades do <i>podcast</i> no ensino de História	Raone Ferreira de Souza	Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro	2016	UFRJ
RPG e ensino de História: uma articulação potente para a produção da narrativa histórica escolar	Carlos Eduardo de Souza Costa	Carmen Teresa Gabriel	2017	UFRJ
Museu da Lembrança: História ensinada, narratividade e memória	Leandro Rosetti de Almeida	Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley	2016	UERJ
Os objetos no Ensino de História: um olhar para o século XIX no Museu da República	Marta Cristina Soares Dile Robalinho	Carina Martins Costa	2016	UERJ
Cinema e Ensino de História: propostas para uma abordagem da Pluralidade Cultural nas séries finais do Ensino Fundamental	Denise Quitzau Kleine	Natalia Pietra Méndez	2016	UFRGS
É para falar de gênero sim! Uma experiência de formação continuada para professoras/es de História	Paula Tatiane de Azevedo	Natalia Pietra Méndez	2016	UFRGS
O uso do filme no ensino e aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos – EJA - em Araguaína-TO	Eliane Leite Barbosa Bringel	Vasni de Almeida	2016	UFT/TO
Ensino híbrido: possíveis contribuições para a qualificação do ensino de História no Ensino Médio	Jorge Everaldo Pittan da Silva	Claudemir de Quadros	2016	UFSM/RS

Quadro: Descrição das obras coletadas
Fonte: Quadro desenvolvido pelos autores (2018)

Nos dados do Quadro acima, é possível observar que o Portal da CAPES, sem usarmos qualquer critério de exclusão cronológico, apresentou somente trabalhos dos anos de 2016 e 2017, o que comprova que a produção acadêmica sobre o tema Tecnologias Digitais no Ensino de História



tem sido bastante incipiente, especialmente por sabermos que as tecnologias, notadamente a internet, se popularizaram no Brasil desde a década de 1990. Por outro lado, este resultado também demonstra que o tema está entre os emergentes nos últimos três anos. Nesse sentido, ficou demonstrado, ainda, que esse interesse centraliza-se mais em nível de mestrado, haja vista todos os trabalhos enquadrarem-se na categoria dissertação. Quanto a isso, a explicação pode advir do fato de que, segundo a CAPES, há, no Brasil, 1.374 programas de pós-graduação em nível de mestrado, contrapondo-se a 82 de doutorado⁴; entende-se, assim, haver mais produção de dissertações do que de teses.

Com relação à categoria *Região*, os dados demonstraram que a região Sudeste é a que mais pesquisou o tema, destacando-se com 48% da produção, seguida da região Sul, com 38%, e da região Norte, com 14%. Uma explicação para o fato de as regiões Sudeste e Sul se destacarem percentualmente nas produções pode estar relacionada à quantidade de programas de pós-graduação existente na região Sudeste, que é a mais alta do país, seguida pela região Sul⁵. Quanto à categoria *Instituição*, das 21 (vinte e uma) obras encontradas, 12 (doze) foram produzidas em instituições federais enquanto 9 (nove), em instituições estaduais. Vale salientar que, de acordo com dados do Índice Geral de Cursos (IGC) - INEP/MEC⁶, de 2016, no Brasil, das 230 instituições superiores existentes, 100 (cem) são federais e 35, estaduais, o que explica os índices do atual estudo.

No que concerne ao tipo de pesquisa, a leitura dos resumos das 21 obras evidenciou dois fatos: houve um alto índice de estudos que não informou o tipo de pesquisa desenvolvida e, dentre os tipos mencionados, a pesquisa-ação foi a que mais se destacou, conforme gráfico abaixo:

⁴ Dados retirados da Plataforma Sucupira – CAPES/MEC: Cursos Avaliados e Reconhecidos. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativo_Regiao.jsf>. Acesso em 12 jun. 2018.

⁵ Dados obtidos na Plataforma Sucupira – CAPES/MEC: Cursos Avaliados e Reconhecidos. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativo_Regiao.jsf>. Acesso em 12 jun. 2018.

⁶ O Índice Geral de Cursos (IGC) é um indicador de qualidade que avalia, anualmente, as Instituições de Educação Superior.

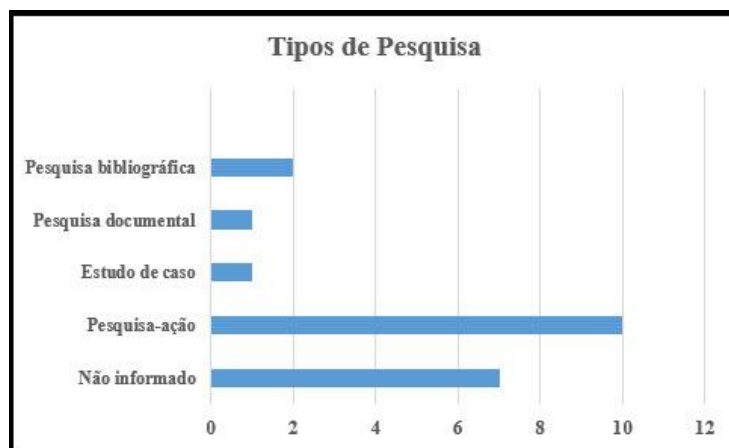


Gráfico: Tipos de pesquisa identificados nas obras analisadas
 Fonte: Gráfico desenvolvido pelos autores (2018)

Com relação às técnicas de coleta de dados, aqui também identificamos lacunas nos resumos, pois nem todos explicitaram as técnicas utilizadas. Dentre os resumos que citam, as técnicas mais recorrentes são: entrevistas, questionário, oficinas e pesquisa documental. Nenhum resumo citou a observação, o que achamos peculiar, já que essa técnica é bastante comum em pesquisas qualitativas, como as analisadas. O uso de oficinas, entretanto, não surpreendeu, por ser uma das técnicas mais usuais na pesquisa-ação. Impende ressaltar que grande parte dos estudos mesclou duas ou mais dessas técnicas, demonstrando o cuidado do pesquisador em investigar seu tema em toda sua complexidade, a partir de várias perspectivas.

Outra lacuna percebida em alguns resumos foi a ausência de informação acerca da teoria e/ou teóricos que embasaram os estudos. Das 21 pesquisas, 32% não informaram que teoria e/ou autores serviram de base para o estudo desenvolvido. No que concerne ao 68% restantes, foram citadas várias vertentes teóricas, ligadas, ou não, a autores que as representam. Podemos dividir as teorias em dois grupos: um ligado à História e seu ensino (Teoria da História, na perspectiva de François Hartog, Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen; Consciência História – Rüsen e Bergmann; História Pública – Gallini e Noiret; Cultura Histórica e escolar – Rüsen, Fourquin, Chervel, Marcelo Magalhães e Paulo Knauss; História Digital – Anita Luchesi; Nova Didática da História – Ginzburg e Darnton; História do tempo presente – Roger Chartier, Hobsbawn, Koselleck e Hartog; Crítica Histórica – Pierre Bayle; Narratividade do conhecimento histórico – Paul Ricoeur e Rüsen) e outras



ligadas à prática educativa e às tecnologias (Pedagogia dos Multiletramentos; Teoria da Aprendizagem Conectivista; Teorias pós-críticas do currículo; Multiculturalismo crítico – Vera Candau). Alguns trabalhos citam apenas autores, tais como: Pierre Lévy, Selva Guimarães Fonseca e Marieta Ferreira.

Ao analisar a base teórica das pesquisas, percebemos uma certa miscelânea teórica em alguns trabalhos, a exemplo de *Usos e possibilidades do podcast no ensino de História*, de Raone Ferreira de Souza (2016), que citou 3 teorias e 14 autores. Foi observado, ainda, que a escolha dos teóricos desvelou uma preferência dos pesquisadores por autores estrangeiros, muitos deles sem vinculação com o uso das tecnologias digitais, porém mais voltados à História, mas vertentes mais críticas da História. Será que esses estudiosos, ao pesquisar/aplicar as teorias estrangeiras, percebem que representam um contexto social e educacional diferente do brasileiro? Jörn Rüsen, que trata do ensino da História na estrutura educacional alemã, foi o autor mais citado nos resumos, talvez por vir tendo grande receptividade dentre os historiadores brasileiros (SILVA, 2009), mesmo a tradição brasileira na área de ensino tendo estado frequentemente ligada às teorias francesas.

Um fato que nos chamou a atenção foi que, das 21 dissertações estudadas, 20 pertencem programas de Mestrado Profissional, e somente uma pertence a Mestrado Acadêmico. A razão está na oferta em várias universidades brasileiras do Mestrado Profissional em ensino de História (PROFHISTÓRIA), reconhecido pela CAPES e ofertado em formato semipresencial, com vistas a capacitar os professores de História da rede pública de ensino.

Ao analisar os temas das 21 dissertações, para termos uma visão mais global do que está sendo investigado relativo ao tema do estado do conhecimento, dividimos as obras por categorias temáticas, em conformidade com o tema abordado: a) *Redes sociais, Jogos digitais, Museus virtuais e Plataformas e ferramentas virtuais*; b) *Métodos ativos* e; c) *Tecnologias audiovisuais não-virtuais*.

Notamos que a discussão de 14 dos estudos (67%) gira em torno da Internet e seus recursos no ensino de História. Nesse sentido, eles abordam tanto a criação - devido à natureza profissional da maioria dos programas em que as pesquisas se desenvolveram - como o uso das categorias *Redes sociais, Jogos digitais, Museus virtuais e Plataformas e ferramentas virtuais*, conforme ilustram alguns desses estudos: *O ensino de História na palma da mão: o Whatsapp como extensão da sala de aula*, Cristiano Gomes Lopes (2016); *Jogando com a crítica histórica: as novas tecnologias e o desenvolvimento de “Os revoltosos”*, Lucas Roberto Soares Lopes (2016); *RPG e ensino de*



História: uma articulação potente para a produção da narrativa histórica escolar, Carlos Eduardo de Souza Costa (2017); *Jogar com a História: concepções de tempo e História em dois jogos digitais baseados na temática da Revolução Francesa*, Artur Duarte Peixoto (2016); *Provocações crônicas: a construção de um site educativo para repensar a escola, a disciplina de História e as Áfricas*, Bruno Ziliotto (2016); *Os objetos no Ensino de História: um olhar para o século XIX no Museu da República*, Marta Cristina Soares Dile Robalinho (2016); *Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de história*, Daniel Carvalho Pereira (2016); e *A utilização do mecanismo de busca do Google na pesquisa e no ensino de História: explorando possibilidades*, Marcelo Marcos de Araújo (2017).

Identificamos que, dentre as tecnologias digitais, a rede e suas ferramentas, ciberespaço, cibercultura e virtualidade, relacionadas ao ensino de História, são temas emergentes na academia nesses últimos anos, fato evidenciado no percentual de pesquisas encontradas abordando esses temas e na ausência de trabalhos com essas temáticas em anos anteriores.

Outro ponto que se sobressai na análise temática das obras é o interesse no estudo de metodologias de ensino consideradas novas pertinentes ao campo das tecnologias educativas, comprovado em 3 estudos (14%), que enquadrados na categoria *Métodos ativos: Ensino híbrido: possíveis contribuições para a qualificação do ensino de História no Ensino Médio*, Jorge Everaldo Pittan da Silva (2016); *Tecnologia, inovação e ensino de História: o ensino híbrido e suas possibilidades*, Eric Freitas Rodrigues (2016); *Gamificação, aprendizagem e ensino de História: construção de estratégias didáticas com ferramentas online*, Elton Frias Zanoni (2016). A metodologia ativa revelou-se, pois, um tema promissor, em ascensão, refletindo o interesse dos investigadores em estudar e aplicar tais métodos, inovando, dessa forma, o ensino de História.

Encontramos 4 trabalhos (19%) que se adequam à categoria *Tecnologias audiovisuais não-virtuais: Rádio #tmj: História e ensino de História no Cem Morar Bem – São José, SC (2015 – 2016)*, Dismael Sagás (2016); *Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil através de fotografias (séculos XX e XXI)*, Breno Bersot da Silva (2016); *Cinema e Ensino de História: propostas para uma abordagem da Pluralidade Cultural nas séries finais do Ensino Fundamental*, Denise Quitau Kleine (2016); *O uso do filme no ensino e aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos - EJA - em Araguaína-TO*, Eliane Leite Barbosa Bringel (2016).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES demonstrou que as tecnologias digitais virtuais estão entre as principais tendências investigativas relativas ao tema Tecnologias digitais no ensino de História, tendo se destacado como as mais estudadas, reflexo da crescente presença da internet na sociedade atual. Esses estudos acerca da rede e de suas ferramentas pode contribuir para um debate e a consequente reconfiguração do ensino de História, tornando-o mais significativo para o aluno. Os dados comprovaram, assim, que as tecnologias mais tradicionais, como TV e DVD estão cedendo o lugar, no campo das pesquisas acadêmicas, para as tecnologias virtuais, por sua atualidade.

Um aspecto promissor nos resultados foi a ascensão temática da Metodologia Ativa no campo acadêmico, um tema também emergente na área da tecnologia educativa e que abrange um conjunto de alternativas metodológicas inovadoras na inserção das tecnologias na educação.

Do ponto de vista metodológico, detectamos que tanto os títulos como os resumos apresentaram várias lacunas referentes a informações relevantes para o desenvolvimento do mapeamento, especialmente quanto ao tipo de pesquisa, técnicas de coleta de dados e teorias que fundamentam os trabalhos. Ainda que essas lacunas possam ser superadas pela leitura da introdução, o silenciamento atrasa o processo descritivo-analítico dos dados, além de demonstrar que há pouca preocupação com o rigor metodológico por parte dos pesquisadores e das universidades onde desenvolvem suas pesquisas.

Por fim, apesar de os estudos abordarem diferentes tipos de tecnologias digitais, em específico, notamos o silenciamento de obras que abordassem o tema proposto - Tecnologias digitais no ensino de História -, enquanto conjunto, de maneira geral. Logo, os resultados encontrados relacionam-se aos descritores, mas refletem com precisão o tema, já que cada obra trata apenas de um tipo de tecnologia (*Whatsapp, blog, podcast, jogo digital etc.*). Isto só evidencia a necessidade de investigar o tema nos seus aspectos mais gerais, a partir não de uma tecnologia específica, mas das tecnologias como um todo, para que, ainda que um tipo mude ou desapareça, a discussão sobre seu uso e papel no ensino de História continue sendo válido.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. *Museu da lembrança: História ensinada, narratividade e memória*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p. 163. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/y2q7ko>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- ANDRÉ, M. E. D. A. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-56, ago./dez. 2009. Disponível em: <<http://formacao.docente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/7/3>>. Acesso em: 5 jun. 2018.
- ARAÚJO, M. M. *A utilização do mecanismo de busca do Google na pesquisa e no ensino de História: explorando possibilidades*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Tocantins. 134p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/9PxxkF3>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- AZEVEDO, C. F. *Interação verbal com fontes: letramento(s) no ensino de História*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p. 152. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/zbX1DB>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- AZEVEDO, P. T. *É para falar de gênero sim! Uma experiência de formação continuada para professoras/es de História*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS, p. 87. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/yottEY>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- BATISTA, A. C. M. da C. *Relações étnico-raciais na voz do professor: os debates curriculares no contexto quilombola*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal Fluminense. 101p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/DN65He>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRINGEL, E. L. B. *O uso do filme no ensino e aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos – EJA - em Araguaína-TO*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Tocantins. 119p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Ph8Lai>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- COSTA, C. E. S. *RPG e ensino de História: uma articulação potente para a produção da narrativa histórica escolar*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 45p. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/5Qmi19>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.
- FERREIRA, C. A. L. Ensino de História e a incorporação das novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão. *Revista da História Regional*, v. 4, n. 2, p. 139-157, 1999.
- KLEINE, D. Q. *Cinema e Ensino de História: propostas para uma abordagem da Pluralidade Cultural nas séries finais do Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS, 126p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Ts12cu>>. Acesso em: 30 maio 2018.



- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LOPES, C. G. *O ensino de História na palma da mão: o Whatsapp como extensão da sala de aula*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Tocantins. 130p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/19va95>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- LOPES, L. R. S. *Jogando com a crítica histórica: as novas tecnologias e o desenvolvimento de “Os revoltosos”*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado de Santa Catarina. p. 91. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/GTHrnS>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: <<https://goo.gl/1BskAn>>. Acesso em: 2 jun. 2018.
- MORAN, J. M. *Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora*. 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/11/tecnologias_moran.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.
- _____. Integrar as tecnologias de forma inovadora. In: MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013, p. 36-46.
- _____. *Mudando a educação com metodologias ativas*. 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- PEIXOTO, A. D. *Jogar com a História: concepções de tempo e História em dois jogos digitais baseados na temática da Revolução Francesa*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS, p. 118. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/DJggBs>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- PEREIRA, D. C. *Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de história*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p. 85. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/awZ5pQ>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- PRENSKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. *NCB University Press*, v. 9, n. 5. out. 2001. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2018.
- _____. *Aprendizagem baseada em jogos digitais*. São Paulo: SENAC, 2012.
- ROBALINHO, M. C. S. D. *Os objetos no Ensino de História: um olhar para o século XIX no Museu da República*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 140p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/wRJ3wv>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- RODRIGUES, E. F. *Tecnologia, inovação e ensino de História: o ensino híbrido e suas possibilidades*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal Fluminense. p. 97. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/kHbWQN>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas “estado da “arte em educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=237&dd99=view>. Acesso em: 05 jun. 2018.



- SAGÁS, D. Rádio #tmj: *História e ensino de História no Cem Morar Bem – São José, SC (2015 – 2016)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado de Santa Catarina. 171p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/3UvGa1>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- SANTAELLA, L. *Desafios da ubiquidade para a educação*. 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.
- SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2017. pp. 54-66.
- SILVA, B. B. *Flashes de famílias: relações de gênero no Brasil através de fotografias (séculos XX e XXI)*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal Fluminense. 148p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/h1PxVp>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- SILVA, C. E. V. *E a música nessa História? A música no ensino de História da África e da cultura afro-brasileira*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 93p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/9EFopd>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- SILVA, J. E. P. *Ensino híbrido: possíveis contribuições para a qualificação do ensino de História no Ensino Médio*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal de Santa Maria/RS. 67p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Ye2SDn>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- SILVA, R. C.; RÜSEN, J. Reconstrução do passado - Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica (resenha). *Revista História em Reflexão*, v. 3, n. 5, UFGD/Dourados, jan./jun. 2009.
- SOUZA, R. F. *Usos e possibilidades do podcast no ensino de História*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 107. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/NmHi3q>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- ZANONI, E. F. *Gamificação, aprendizagem e ensino de História: construção de estratégias didáticas com ferramentas online*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado de Santa Catarina. p. 93. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/nsiwiE>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- ZILIOTTO, B. *Provocações crônicas: a construção de um site educativo para repensar a escola, a disciplina de História e as Áfricas*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado de Santa Catarina. 124p. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/3M1H1o>>. Acesso em: 30 maio 2018.